



Casa da memória

Texto **BRUNA CASTELO BRANCO**
bruna.araujo@grupoatarde.com.br

Foto **ADILTON VENEGEROLES**
adilton@grupoatarde.com.br

Com 124 anos, o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia planeja ampliar suas instalações para dinamizar atividades e garantir a preservação do acervo

Nos dias comuns, só se consegue entrar no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) pela porta dos fundos. Por questões de segurança, a entrada principal, voltada para a Avenida Sete de Setembro, está sempre fechada. “Só abrimos as portas em datas festivas, como o 2 de Julho”, diz o administrador Eduardo de Castro, 70, atual presidente da instituição, aberta a pesquisadores, estudantes e curiosos.

Perto do Gabinete Português de Leitura, na Avenida Joana Angélica, o IGHB pode passar despercebido. Diferentemente de alguns prédios históricos da cidade, como o Instituto Feminino e o Palacete das Artes, a estrutura externa do edifício não entrega a riqueza do patrimônio cultural que protege — para descobri-lo, basta passar pela porta, está (quase) tudo à vista.

Quem chega esbarra na mesa de trabalho de Euclides da Cunha, a mesma que ele usou para se corresponder com *O Estado de S. Paulo* durante a Guerra de Canudos. Na sala, há gravuras do arquivo pessoal da família de Castro Alves, além de sofás e poltronas antigas. “Tudo o que temos foi doado. O instituto não